

Banqueiros apostam em Bush

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Os bancos credores esperam que o presidente George Bush convença o presidente Fernando Collor a pagar mais do que seu governo já ofereceu nas emperradas negociações da dívida externa brasileira. As autoridades brasileiras também procuram usar a visita de Bush para demonstrar que as demandas dos bancos são excessivas, a proposta do Brasil é razoável e deveria servir de base para um entendimento, segundo afirma o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek.

Mais interessado em tratar dos temas do futuro do que dos problemas do passado, Bush declarou ao *Estado* que, embora queira conversar sobre a questão com Collor, não a considera central nas discussões que terá em Brasília.

A esperança dos bancos privados norte-americanos é de que Bush consiga que Collor pague sem condições e deixe de ouvir os conselhos de seus assessores econômicos. Ela se baseia nas concessões que o

presidente Collor fez depois de conversar com as autoridades japonesas e o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle, em Tóquio, há três semanas. Depois de ter dito aos bancos que não poderia pagar um centavo de juros sequer, o Brasil colocou quase US\$ 1 bilhão na mesa.

O secretário do Tesouro, Nicholas Brady, e seu subsecretário, David Mulford, que trata diretamente do problema, acompanham Bush. Nenhum dos dois vê a posição brasileira com simpatia.

Mulford, que já duelou com Dilon Funaro, articula a pressão dos países industrializados para forçar o Brasil — e, ao menos até agora, não os bancos — a ceder na questão dos pagamentos em atraso. Depois de sugerir, durante meses, que o governo começasse a tratar do problema dos juros atrasados, antes que ele se tornasse “inadministrável”, Mulford concluiu que o País não quer negociar seriamente. O clima está tão azedo que nem mesmo o óbvio custo que o Brasil está pagando na crise do Golfo Pérsico sensibiliza Washington,